esboços das cavalariças

EAV – Parque Lage – RJ

ESBOÇOS DAS CAVALARIÇAS

Proposta de instalação de um ateliê aberto para a realização de trabalhos e a montagem de uma exposição no espaço das cavalariças da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Nesse ateliê, o público poderá acompanhar a elaboração dos trabalhos (realizados no local e para o local) e o seu desenvolvimento durante o período de produção e exposição.

Os trabalhos lidam com processos artísticos tradicionais, reduzidos a uma ação inicial simples, um esboço do espaço, no papel ou em teia, a alterar-se com o tempo. Sobre, sob e com as condições das cavalariças, e no embate direto entre elementos e matérias em transformação (controlada e casual), esboçam-se modos de espaçar, e de tomar o espaço.

– Ações artísticas (e de formação): *pintar, moldar, gravar, traçar, tecer.*

– Matérias e elementos (de projeto, construção e ambiente): *papel vegetal, tinta, massa, verniz, peso de chumbo, aros de ferro, ponta de grafite, lâmina, fio de nylon, insetos, aranhas (teia).*

– Espaços físicos – funcionais e institucionais: *a casa (dentro/fora); as cavalariças; o local de exposições; a escola de arte; o parque.*

– A criação nas cavalariças: *tratar, marcar, alimentar, abrigar, estimular o desenvolvimento*

PAREDES (CHÃO)

(1,80 X 1,10m / 90–120g/m²)

Pintar uma parede com grandes folhas de papel vegetal (de diferentes gramaturas) penduradas; emparedar (emassar e lixar) um dos papéis antes da pintura.

Envernizar o chão com os papéis dispostos sobre ele, para serem (posteriormente) pendurados na parede.

Na primeira sala, o papel enruga, descascando-se da parede, e revela a marca (sem pintura) de sua área original; ou, emassado e lixado, esconde um vulto emparedado.

Envernizado e retirado do chão, deixa a sua marca (sem verniz) no piso; pendurado, vela igual área na parede.

HORIZONTES

(2,70 X 0,55 X 0,25m / 120g/m²),

Curvar e atravessar com aro de ferro, ou ponta de grafite, os vértices inferiores de uma folha de papel vegetal, presa na parede (pelos vértices superiores), moldando-a; equilibrar o aro, ou ponta, horizontalmente.

Nas paredes da sala do meio, o papel pendurado empena à força da ponta (ou aro) que lhe atravessa, e que ele suspende e equilibra (instavelmente).

MARCAS (MATRIZ)

(1,10 X 0,90m / 120g/m² – 120g de chumbo para cada m² de papel)

Despejar 120g de chumbo derretido sobre folhas de 1m² de papel vegetal, dispostas no chão de pedra, externo à casa; pendurá-las nas paredes internas.

O papel crepita sob o calor do chumbo, queimando e se transformando sobre a pedra, enquanto desvia o metal que o marca (forjando-o).

Na mesma sala (do meio), junto com a matriz final da tiragem, essas marcas revelam uma série de impressões do processo de gravação a chumbo quente sobre papel vegetal.

LUZ

(1,80 X 1,10m / 90–120g/m²)

Prender folhas de papel vegetal de diferentes gramaturas, cobrindo os vidros das janelas da última sala; traçar com estilete um esboço da paisagem externa.

Os cortes abrem fendas no papel – à luz e à paisagem de fora. Atravessando os cortes, o sol poderá (eventualmente) desenhar, no chão e nas paredes, a passagem do tempo ao longo do dia.

TECELÃS

(4,50 X 0,55 X 0,55m)

Suspender, do teto ao chão, dois aros de ferro, equilibrados e ligados por fios de nylon; colocar aranhas tecelãs (e insetos) nessas armações.

Na mesma sala (o chão e as paredes no osso), as armações projetam (possíveis) colunas de teias; as teias crescendo (e rompidas) desenhariam a passagem dos dias.

Colocadas em uma armadilha de insetos, as aranhas devem tecer entre os fios e os aros para alcançar as iscas, e, seguindo a estrutura, formar uma coluna de fios de seda; mas o que farão é imprevisível.

IMAGENS (referência):

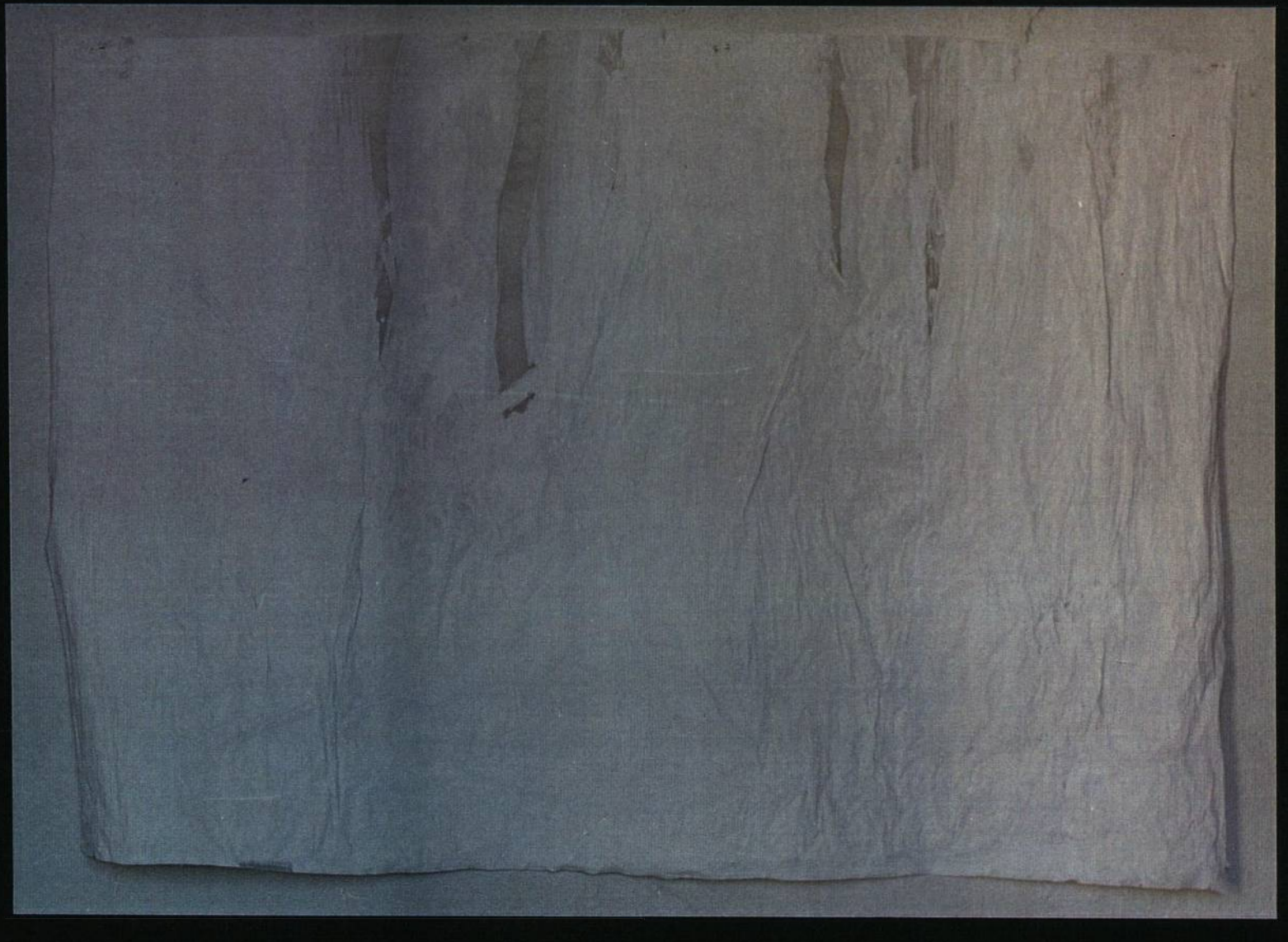
1 – PAREDE (2003)
– tinta PVA sobre papel vegetal

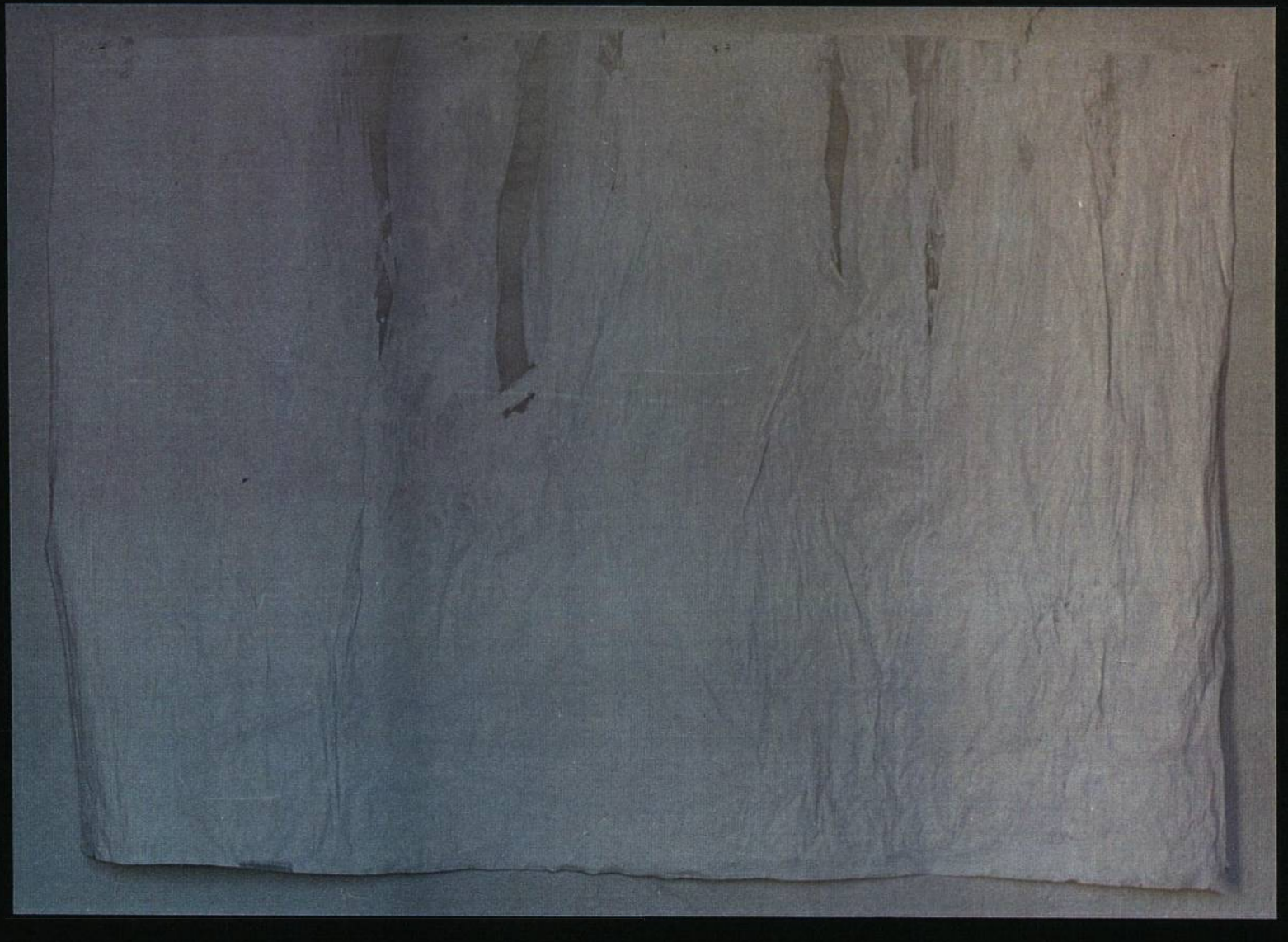
2/3/4 – HORIZONTES (2003)
– aro de ferro e ponta de grafite sobre papel vegetal

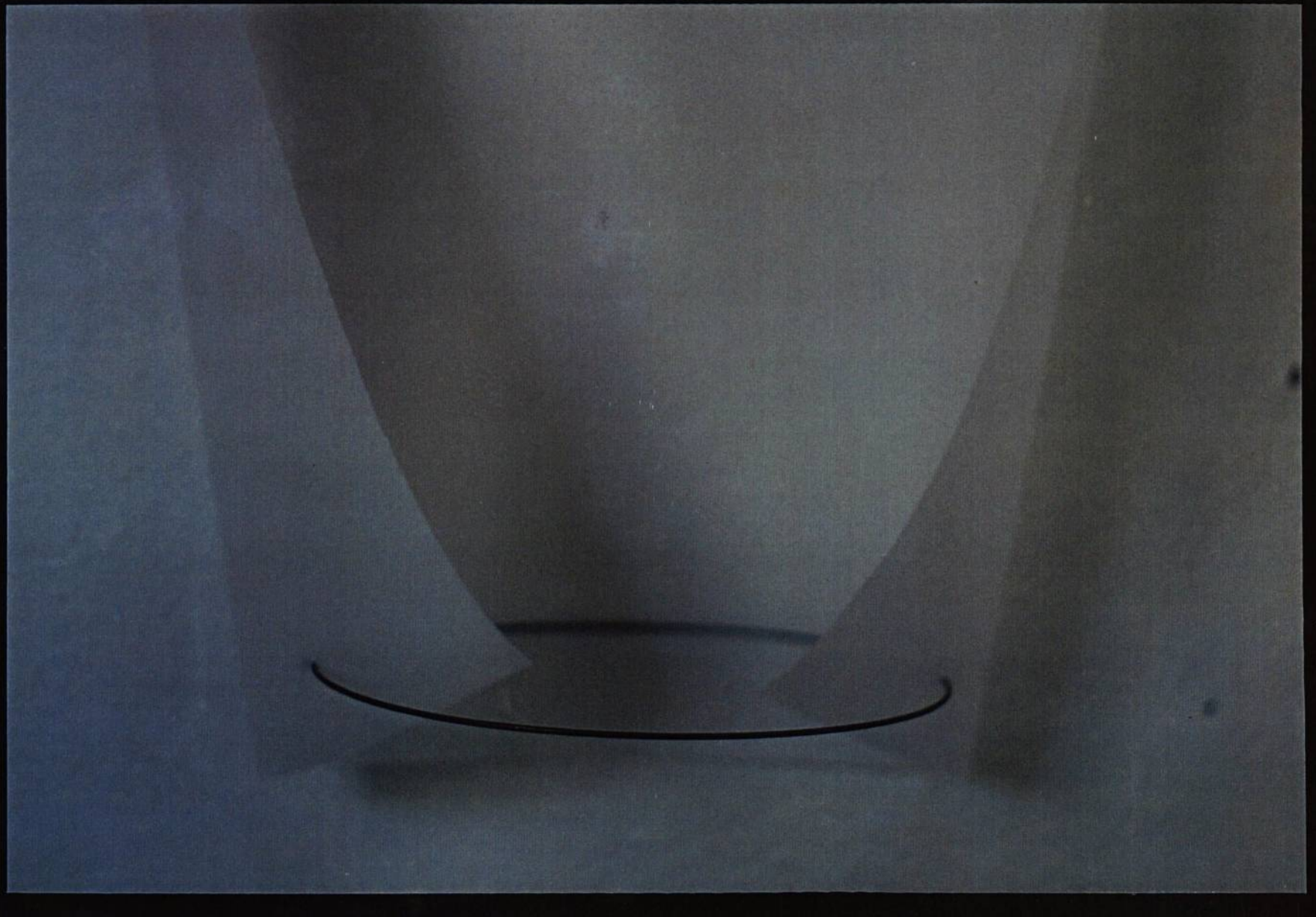
5/6/7 – MARCAS (2004)
– chumbo sobre papel vegetal

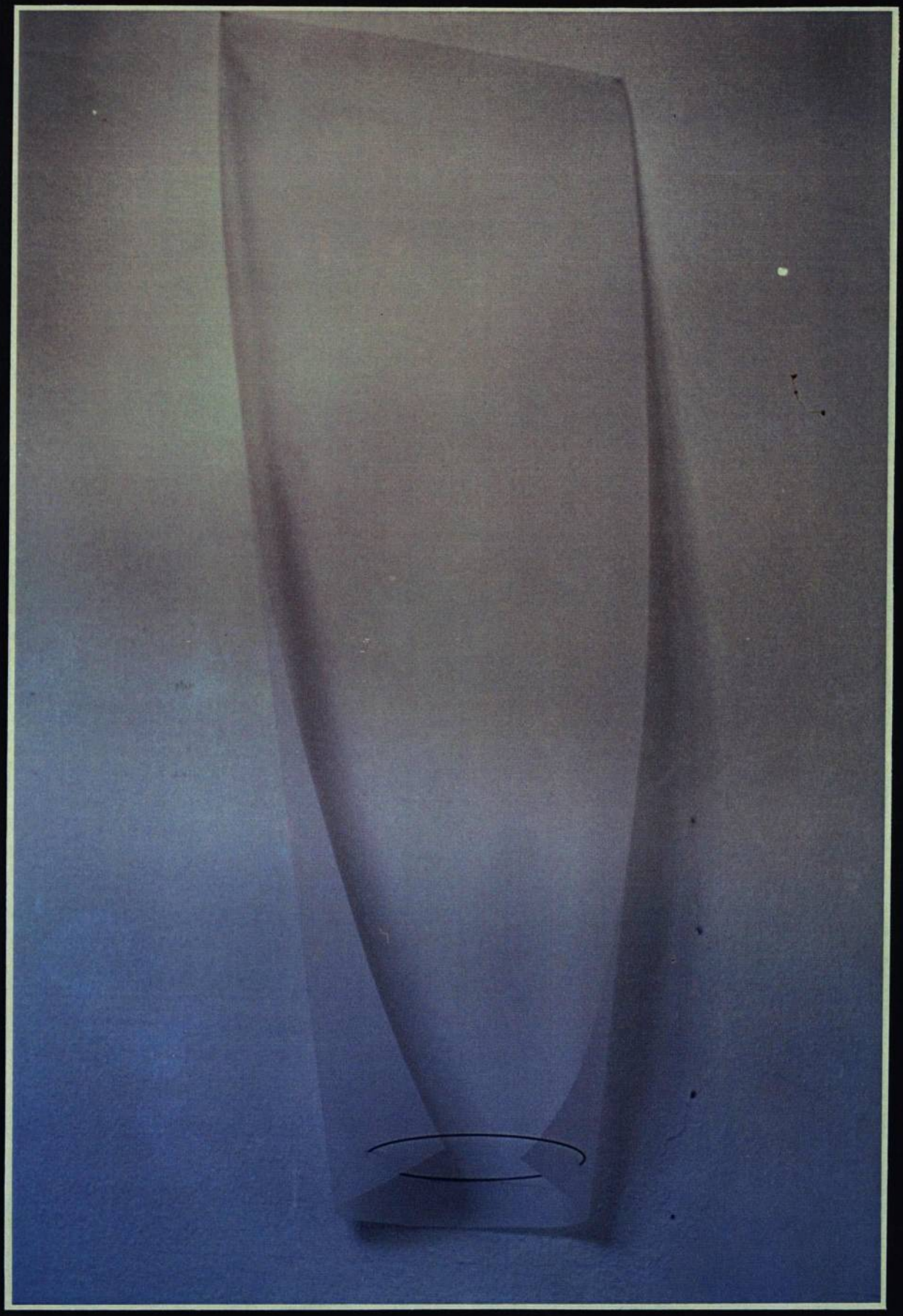
8/9 – PAGINAÇÕES (1996/97)
– ampliação (xerox) e estilete sobre papel vegetal

10/11 – COLUNA / PULSO (1989/2002)
– aros de bicicleta e tubo de malha









Joaquim Sassa e a pedra que atirou ao mar, Pedro Orce e a cadeira donde se levantou, as vidas não começam quando as pessoas nascem, se assim fosse, cada dia era um dia ganho, as vidas principiam mais tarde, quantas vezes tarde de mais, para não falar daquelas que mal tendo começado já se acabaram, por isso é que o outro gritou, Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido.

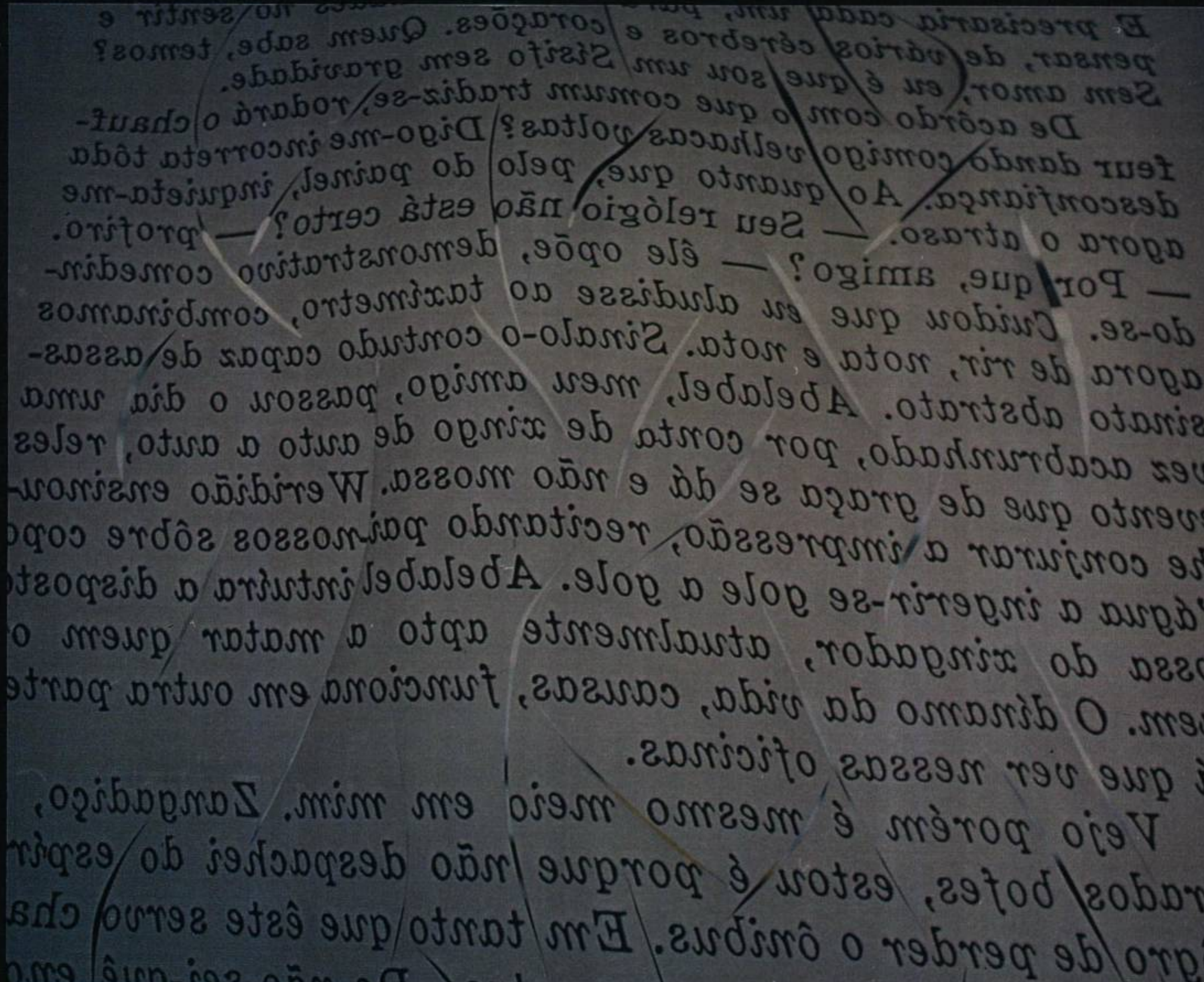
E agora esta mulher, Maria Guavaira lhe chamam, estranho nome embora não gerúndio, que subiu ao sótão da casa e encontrou um pé-de-meia velho, dos antigos e verdadeiros que serviam para guardar dinheiro tão bem como uma casa-forte, simbólicos pecúlios, graciosas poupanças, e achando-o vazio pôs-se a desfazer-lhe as malhas, por desfastio de quem não tem outra coisa em que ocupar as mãos. Passou uma hora e outra e outra, e o longo fio de lã azul não para de cair, porém o pé-de-meia parece não diminuir de tamanho, não bastavam os quatro enigmas já falados, este nos demonstra que, ao menos uma vez, o conteúdo pôde ser maior que o continente. A esta casa silenciosa não chega o rumor das ondas do mar, de passarem aves a sombra não escurece a janela, cães haverá mas não ladram, a terra, se tremeu, não treme. Aos pés da desenredadeira o fio é a montanha que vai crescendo. Maria Guavaira não se chama Ariadne, com este fio não sairemos do labirinto, acaso com ele conseguiremos enfim perder-nos. A ponta, onde está,

A primeira fenda apareceu numa grande laje natural, lisa como a mesa dos ventos, algures nestes Montes Alberes que, no extremo oriental da cordilheira, compassadamente vão baixando para o mar e por onde agora vagueiam os mal-aventurados cães de Cerbère, alusão que não é descabida no tempo e no lugar, pois todas estas coisas, mesmo quando o não parecerem, estão ligadas entre si. Expulso, como foi dito, da pitança doméstica, e portanto forçado pela necessidade a recordar na memória inconsciente manhas dos seus antepassados caçadores para conseguir filar qualquer desgarrado lábaro, um desses cães, de seu nome Ardent, graças ao finíssimo ouvido de que está dotada a espécie, terá percebido o estalar da pedra e, só não rosnando porque não pode, veio para ela, dilatando os narizes, de pêlo eriçado, com tanto de curiosidade quanto de medo. A fenda, subtil, lembraria a observador humano um risco feito com a ponta aguçada de um lápis, muito diferente daquele outro traço com um pau, em terra dura, ou na poeira solta e macia, ou na lama, se com tais devaneios perdêssemos nós tempo. Porém, enquanto o cão se aproximava, a fenda alargou-se mais, tornou-se funda e avançou, rasgando a pedra, até aos extremos da laje, e depois para lá e para cá, cabia dentro a mão inteira, o braço em grossura e comprimento, se estivesse aqui homem de coragem para medir-se com o fenómeno. O cão Ardent rondava, inquieto, mas não podia fugir,

Joaquim Sassa e a pedra que atirou ao mar, Pedro Orce e a cadeira donde se levantou, as vidas não começam quando as pessoas nascem, se assim fosse, cada dia era um dia ganho, as vidas principiam mais tarde, quantas vezes tarde de mais, para não falar daquelas que mal tendo começado já se acabaram, por isso é que o outro gritou, Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido.

E agora esta mulher, Maria Guavaira lhe chamam, estranho nome embora não gerúndio, que subiu ao sótão da casa e encontrou um pé-de-meia velho, dos antigos e verdadeiros que serviam para guardar dinheiro tão bem como uma casa-forte, simbólicos pecúlios, graciosas poupanças, e achando-o vazio pôs-se a desfazer-lhe as malhas, por desfastio de quem não tem outra coisa em que ocupar as mãos. Passou uma hora e outra e outra, e o longo fio de lã azul não para de cair, porém o pé-de-meia parece não diminuir de tamanho, não bastavam os quatro enigmas já falados, este nos demonstra que, ao menos uma vez, o conteúdo pôde ser maior que o continente. A esta casa silenciosa não chega o rumor das ondas do mar, de passarem aves a sombra não escurece a janela, cães haverá mas não ladram, a terra, se tremeu, não treme. Aos pés da desenredadeira o fio é a montanha que vai crescendo. Maria Guavaira não se chama Ariadne, com este fio não sairemos do labirinto, acaso com ele conseguiremos enfim perder-nos. A ponta, onde está,

A primeira fenda apareceu numa grande laje natural, lisa como a mesa dos ventos, algures nestes Montes Alberes que, no extremo oriental da cordilheira, compassadamente vão baixando para o mar e por onde agora vagueiam os mal-aventurados cães de Cerbère, alusão que não é descabida no tempo e no lugar, pois todas estas coisas, mesmo quando o não parecerem, estão ligadas entre si. Expulso, como foi dito, da pitança doméstica, e portanto forçado pela necessidade a recordar na memória inconsciente manhas dos seus antepassados caçadores para conseguir filar qualquer desgarrado lábaro, um desses cães, de seu nome Ardent, graças ao finíssimo ouvido de que está dotada a espécie, terá percebido o estalar da pedra e, só não rosnando porque não pode, veio para ela, dilatando os narizes, de pêlo eriçado, com tanto de curiosidade quanto de medo. A fenda, subtil, lembraria a observador humano um risco feito com a ponta aguçada de um lápis, muito diferente daquele outro traço com um pau, em terra dura, ou na poeira solta e macia, ou na lama, se com tais devaneios perdêssemos nós tempo. Porém, enquanto o cão se aproximava, a fenda alargou-se mais, tornou-se funda e avançou, rasgando a pedra, até aos extremos da laje, e depois para lá e para cá, cabia dentro a mão inteira, o braço em grossura e comprimento, se estivesse aqui homem de coragem para medir-se com o fenómeno. O cão Ardent rondava, inquieto, mas não podia fugir,


pensar, de vários cérebros e corações. Quem sabe, temos?
Sem amor, eu é que sou um Sísifo sem gravidade.
De acôrdo com o que comum tradiz-se, rodará o chaut-
feur dando comigo velhacas voltas? Digo-me incorreta tôda
desconfiança. Ao quanto que, pelo do painel, inquieta-me
agora o atraso. — Seu relógio não está certo? — profiro.
— Por que, amigo? — êle opõe, demonstrativo comedin-
do-se. Cuidou que eu aludisse ao taxímetro, combinamos
agora de rir, nota e nota. Sinalo-o contudo capaz de assas-
sinato abstrato. Abelabel, meu amigo, passou o dia uma
vez acabrunhado, por conta de xingo de auto a auto, reles
evento que de graça se dá e não mossa. Weridão ensinou-
lhe conjurar a impressão, recitando pai-nossos sôbre cop
d'água a ingerir-se gole a gole. Abelabel intuíra a dispost
ossa do xingador, atualmente apto a matar quem o
uem. O dínamo da vida, causas, funciona em outra parte
á que ver nessas oficinas.
Vejo porém é mesmo meio em mim. Zangadiço,
rados bofes, estou é porque não despachei do espír
ôgro de perder o ônibus. Em tanto que êste servo cha

RICARDO TAMM
Rio de Janeiro, 1963

Resumo de atividades artísticas e de formação:

2001/05 – *"Incidência pública anônima"*, doutorado em Artes Visuais (Linguagens Visuais) PPGAV / EBA / UFRJ / Capes
2004 – *"Mousetrap"* (Projeto "Interface II"), Galpão de Linguagens Visuais, PPGAV / UFRJ, Cidade Universitária, Ilha do Fundão, RJ
– *"A cidade somos nós"*, jornal O Globo, RJ
2003/04 – *"O Político Estético"*, 11º Encontro do Programa de Pós-Graduação *em Artes Visuais / EBA / UFRJ*
2003 – *"Pour vous"* (Projeto "Interface I"), Galpão, PPGAV / UFRJ
– *"Esculturas do Pan"* e *"A crítica periódica"*, jornal O Globo, RJ
– *"Excessos públicos"*, Jornal do Brasil, RJ
2002 – *"Ao Palácio da Cultura"* ("Linguagens Visuais"), Palácio Gustavo Capanema, Funarte, RJ
2001/02 – *"No Solar"*, Solar Grandjean de Montigny, PUC, RJ
2000 – *"Cegos"* ("Prata da casa"), Galeria Maria Martins / Estácio, RJ
1999 – *"Isolation / 88"* ("Calming the Clouds"), Galerie Format–Foundation 3,14, Bergen, Noruega
1998 – *"Perspectivas para o ensino de História da Arte, hoje"*, 6º Encontro do PPGAV / UFRJ
1997 – *"Paginações"* ("Intervenções em Vitrine"), Livraria Dantes, RJ
– *"F for fake"*, Revista O Percevejo, nº 5, Programa de Pós-Graduação em Teoria do Teatro / UNIRIO, RJ
1996 – *"Perversão"* ("Acervo"), Galeria do Sesc–Copacabana, RJ
1993/95 – *"As falas da arte e as artes do desvio"*, mestrado em Comunicação e Cultura, ECO / UFRJ / CNPq
1992/94 – *"Cultura na empresa"* e *"O que fazemos aqui?"*, UFRJ / Embratel, RJ
1990 – *"Cadeiras"* ("11º Salão Nacional de Artes Plásticas"), MNBA / Funarte, RJ
– *"Os Físicos"* ("Terra e Democracia"), Aterro do Flamengo, Fórum de Ciência e Cultura / UFRJ
1987/90 – *"Contato em cena"*, bacharelado em Artes Cênicas (Teoria do Teatro), UNIRIO, RJ
1989 – *"Esculturas"*, Galeria Artespaço, Leblon, RJ
1987 – *"Desenhos"*, Galeria do Sesc–Tijuca, RJ
– *"Pintura dois"* ("RJ em Surto"), Circo Voador, Lapa, RJ; e ("Os Cariocas") Espaço Mambembe, São Paulo
– *"A-hum"*, UNIRIO, Praia Vermelha, Urca, RJ
1986/87 – *"Incorporação"* ("Território Ocupado"), EAV / Parque Lage, RJ
1985/86 – Estética e História da Arte, Barbican Art Center, Londres
1982/85 – Arquitetura e Urbanismo, FAU / UFRJ (interrompido)